

# Rogério Sganzerla

Desde cedo, Sganzerla manifestou sua vocação para o cinema. Casou-se com sua própria musa do cinema (a atriz Helena Ignez), viveu para o cinema e morreu fazendo cinema, Assim como os Irmãos Ientz.

De natureza intelectual, leitor e escritor precoce, formado desde a adolescência na leitura de diversas tradições artísticas e de vanguardas mundiais.

Antes de começar sua produção cinematográfica, escreveu durante quatro anos para o jornal O Estado de S. Paulo, sempre sobre cinema. Em 1967 realizou seu primeiro curta-metragem titulado como Documentário. E em 1968 seu primeiro longa-metragem foi rodado, o consagrado O Bandido da Luz Vermelha.

A partir daí realizou uma notória carreira como diretor de cinema. Sempre buscando a transgressão. Em toda a sua obra se vê uma força criadora e viva, deslocando-se visivelmente das idéias tradicionais e secas de grande parte do cinema contemporâneo, atual ou não.

Pesquisador e pensador da imagem em sua duração e em seu movimento, criou novas relações de linguagem com uma nova forma de olhar para a tela. E dentro deste campo que se insere O Bandido da Luz Vermelha.

Morreu em 2004, devido a um tumor no cérebro, apenas um breve tempo após realizar O signo do caos e sem realizar seu sonho: refilmar seu clássico O bandido da luz vermelha com Alexandre Borges no elenco.

Sganzerla deixou ainda como legado o roteiro para a continuação do filme O Bandido da Luz Vermelha, com o título Luz nas Trevas – A revolta de Luz vermelha. O filme veio ao público através da direção de Helena Ignez e Ícaro Martins. No elenco, Ney Matogrosso como o próprio Luz.

Fonte Wikipédia

*Cidadão Kane\**

Vai ser brevemente reapresentada *Cidadão Kane*, a tão citada e falada fita de Orson Welles; sem dúvida, a "reprise" mais ansiosamente aguardada pelos cinéfilos brasileiros.

Todos os iniciantes na sétima arte têm seu complexo de *Cidadão Kane*; afinal, fala-se, discute-se e escreve-se bastante, mas poucos conhecem o filme. Teremos agora a oportunidade de romper um mito, efetuar uma revisão crítica e histórica, além de tomar contato com um realizador semidesconhecido entre nós. Esta projeção certamente constituir-se-á num dos acontecimentos capitais do ano de 1965 na vida cultural brasileira.

*Cidadão Kane* é um filme especial, "que resume todos e antecipa todos os outros", como diz Truffaut e certamente a melhor introdução a esta obra é justamente a carreira de seu autor.

Orson Welles nasceu em maio de 1915, numa pequena cidade do interior dos EUA. O prenome Orson provém de Orsini, pois descende de uma nobre família italiana e alguns ancestrais excêntricos já antecipam certos aspectos de sua personalidade: amoralismo, atração pelo luxo, mistura do trágico com o humor, cinismo desenvolvido, fraco pela bebida, originalidade e capacidade de invenção.

Desde cedo revela-se criança prodígio; aos dois anos fala como adulto. Com a morte da mãe, Dr. Bernstein, que surge como personagem em *Cidadão Kane*, encarrega-se de sua educação; dá-lhe um teatro de "marionetes" e Welles inicia-se na *mise-en-scène* adaptando e representando Shakespeare, admiração que o acompanha até hoje. Com cinco anos escreve peças e sabe de cor algumas obras do dramaturgo inglês; aprende desenho e três anos depois escreve uma enorme tese sobre a tragédia. Em companhia do pai, percorre o mundo em permanente viagem de turismo, não esquecendo a bebida, as farras homéricas e as mulheres.

Dedica-se também ao ilusionismo talvez o aspecto principal de sua personalidade e vem a conhecer Houdini, de quem recebe lições de magia branca. Aos onze anos já tinha se tornado íntimo de uma cantora de ópera (enganada pela sua precocidade física), viajara à China, redigira uma análise de *Assim falava Zaratustra* e decidira ser ator ("um único teatro: Shakespeare!").

Em 1925 consegue seu primeiro papel, em Chicago, cidade onde Kane viverá dramas de grandeza e solidão. Três anos depois ingressa na escola, onde promove intermináveis polêmicas sobre arqueologia, pratica todos os esportes possíveis e vem a fundar uma pequena *troupe* na qual é ator, decorador e diretor. É considerado um novo Menuhin, um segundo Mozart. A infância terminou cedo para Orson Welles.

Assim como Kane, não a viveu de maneira normal: desde cedo consegue ambientar-se no meio adulto, imitando-o: fuma charutos respeitáveis e faz poses importantes. Desde menino, representa a si mesmo.

Mas sua infância teria morrido tão bruscamente? Ou permaneceu, resguardada e impenetrável, para ressurgir no filme através da palavra "Rosebud"? O biógrafo Maurice Bessy acredita que ela se prolonga como um aspecto primordial da personalidade do diretor americano e sublinha que, como seu personagem, "Welles possui um segredo que todos ignoram e do qual só levemente podemos suspeitar".

O.W. é mais do que um menino prodígio. Geralmente estes casos tornam-se, com a idade adulta, causas de desequilíbrio e inadaptação, quando não desaparecem na mediocridade. Nada disso acontece com o criador do *A marca da maldade*. Como observou um crítico inglês, são raríssimas as pessoas que conseguem desenvolver a precocidade, como Welles, o adulto prodígio.

Aos 16 anos ingressa no profissionalismo teatral; embarca para a Irlanda e apresenta-se como *star* de New York. Impressiona fortemente a todos, a despeito de sua juventude e inexperiência; já explora a voz, a presença física, desenvolvendo o senso de composição. Mas trabalha pouco tempo, pois pretende engajar-se nas companhias londrinas. Não o conseguindo, retorna aos Estados Unidos, realiza a edição e ilustração de um volume de obras completas de Shakespeare e publica uma biografia de John Brown, herói abolicionista.

Conhece o Marrocos, passando pela Espanha, onde se inicia nas práticas de touradas; retornando à América, vem a conhecer Thornton Wilder e por seu intermédio ingressa na companhia da famosa Katherine Cornell. Interpreta uma série de papéis variados e chega a dirigir peças de Tchekov e Du Maurier. Em 1934/1935 empreende duas alianças fundamentais: casa-se com Virginia Nicholson, atriz e filha de industriais, e associa-se com John Houseman. O futuro "produtor mais intelectualizado" dos EUA era então um jovem ambicioso e idealista.

No ano seguinte fundam o *Phoenix Theatre*, lançando peças de caráter social e polêmico especialmente sobre a crise de *Wall Street* que não fazem sucesso e Welles ingressa no rádio com o programa diário *March of time* que aparece no início de *Citizen Kane*. Faz atualidades dramatizadas, imitando personalidades como Hitler, Mussolini, Hoover.

O.W. sempre esteve ligado à progressista administração do governo Roosevelt, chegando a colaborar na redação de discursos para o líder americano sempre citando a Bíblia. O próprio Roosevelt disse que não concebia Orson Welles sem o auxílio da Bíblia! Com subvenção estatal, Houseman e Welles inauguraram o *Federal Theatre* em princípios de 1936. Estreia: *Machbeth*, adaptação e direção de um jovem de 21 anos, inteiramente interpretado por negros.

A entidade dura dois anos e consegue levar à cena *Fausto* de Marlowe, *Un chapeau de paille d'Italie* (como *Horse eats hat*), uma opereta proletária, sátiras virulentas da vida política nacional etc. Nesta época, descobre talentos que viriam acompanhá-lo em sua carreira, inclusive Joseph Cotten.

Devido à oposição dos republicanos no Congresso, extingue-se o "Federal", mas a dupla retorna com o *Mercury Theatre*, na qual sua carreira teatral alcança o apogeu, vindo a movimentar fortemente o teatro estadunidense. Principiam com uma versão 1938 de *Julio Cesar*; o imperador surge, no palco nu, transformado em ditador fascista e com os comparsas vestidos de camisa preta! Sucesso absoluto; e há Thomas Dekker, Bernardi Shaw e finalmente Büchner (*A morte de Danton*).

Nesta encenação, Welles instala escadas rolantes no palco para que os atores possam entrar e sair de cena. No fim da carreira do *Mercury Theatre* o jovem ator já era famoso em todo o país.

Em junho de 1938 o grupo é contratado pela CBS [*Columbia Broadcasting System*] para uma emissão dramática semanal e assim surge o *Mercury Theatre on The Air*. Welles adapta uma série de histórias com narração subjetiva; "quando digo: isto me aconteceu, as pessoas querem ouvir" este era seu argumento e o programa chamou-se "Na primeira pessoa do singular".

Depois de adaptar *A ilha do tesouro*, *Os 39 degraus*, *Lincoln*, *Jane Eyre*, *Julio Cesar*, *A volta ao mundo em 80 dias*, *Oliver Twist* etc., Welles e Houseman escolheram *A guerra dos mundos*, de H. G. Wells.

Sem muita certeza do sucesso, procuraram dar foros de realidade à ficção e Welles escolheu nomes de lugares e cidades reais, ambientando uma invasão marciana nas proximidades de New Jersey. Todos sabem do extraordinário êxito da emissão: houve acidentes, violências, confissões públicas, mortes e até suicídios. Moradores do campo refugiavam-se nas cidades enquanto habitantes das cidades fugiam aos campos. A histeria coletiva durou toda a noite. Há quem diga que a emissão só foi interrompida com intervenção policial, pois Welles imperturbavelmente prosseguia-a.

Devido a esta fantástica demonstração de talento e ousadia, Hollywood chamou-o *wonder boy*. Talvez sem *A guerra dos mundos* não existisse *Cidadão Kane* e *A soberba*, suas duas primeiras realizações cinematográficas. A RKO [*Radio Pictures*] propõe-lhe o maior contrato da história do cinema até então: ele seria, à vontade, diretor, autor, ator ou produtor, ou, ainda, tudo isso ao mesmo tempo; receberia 25% dos lucros brutos de cada filme e um adiantamento de 150.000 dólares por ocasião da assinatura do contrato; não seria supervisionado por ninguém, não tendo inclusive os costumeiros compromissos de apresentação das provas de filmagem.

Condições: realizar um filme por ano, no mínimo. No verão de 1939 Orson Welles faz as malas e dirige-se à capital do cinema, mas recebe, de imediato, uma recepção fria e indesejável. Diz-se que quando entrou nos estúdios, exclamou: "eis o mais extraordinário trem elétrico que um homem já pode possuir!"

Depois de passar semanas nas cabinas de projeção a ver filmes antigos e novos, frequentar os palcos de filmagens e estudar o funcionamento dos aparelhos, dispõe-se a filmar o romance de Joseph Conrad, ambientado na África, *Heart of darkness*, com o processo revolucionário da câmera subjetiva (no lugar dos olhos do personagem), usando no cinema as experiências do seu programa "Na primeira pessoa do singular"<sup>14</sup>.

Ele próprio seria o ator principal, a fita teria um orçamento alto, mas uma série de dificuldades impediu a sua realização. Welles adapta, então, o romance policial *The smiler with a knife*, de Nicholas Blake, com a condição de realizar posteriormente aquele primeiro projeto. As estrelas Rosalind Russel, Carole Lombard temem ser dirigidas por um estreante e o projeto também foi abandonado. Decide usar argumento próprio e companheiros do *Mercury Theatre*, escrevendo com Houseman e Herman J. Mankiewicz o roteiro do *Cidadão Kane*. As filmagens iniciam-se em 30 de julho de 1940 e terminam em 23 de outubro. A montagem durou nove meses com a colaboração dos futuros diretores Robert Wise e Mark Robson.

Durante a filmagem já se ouviam estranhos rumores; antes de estreado, o filme provoca escândalo de ressonâncias nacionais. William Randolph Hearst, magnata da imprensa americana, tenta evitar a sua estreia, alegando semelhança caricatural do personagem central com a sua carreira.

Uma cadeia de jornais ataca a RKO; seus acionistas discutem e uma associação de produtores pretende queimar o negativo "a bem da arte e da indústria cinematográfica"... Welles ameaça romper com a produtora e esta decide lançar o filme com uma publicidade sem precedentes. Finalmente, *Cidadão Kane* é apresentado à imprensa a 9 de abril de 1941. A crítica saudou-o entusiasticamente, mas lhe estava reservada uma fria e acanhada carreira comercial.

O.W. nunca desmentiu ter-se inspirado parcialmente na vida e casos amorosos de Hearst, mas há quem diga que o filme refere-se a Jules Brulator, proprietário da Kodak. Entre irônico e sério, Welles chegou a dizer que "depois do escândalo de *Cidadão Kane*, farei um grande filme sobre Hearst"...

Seu contrato com a RKO possibilitou-lhe ainda a realização de *A soberba* (1942) e o inacabado *It's all true*, filmado na América do Sul e Brasil (em "tecnicolor"). Desde então, viveu uma carreira independente, corajosa e sem recursos na produção cinematográfica. 1946: *O estranho*, *A dama de Shangai*; 1947: *Macbeth*; 1952: *Othelo*; 1955: *Grilhões do passado (Mr. Arkadin)*; em 1957 retorna a Hollywood e dirige *A marca da maldade* para a Universal, rompendo com ela e vendo suprimida sua montagem original; 1962: *O processo*. *Cidadão Kane* é, parcialmente ou não, um filme autobiográfico. O personagem possui sérias ligações com seu autor e até hoje pergunta-se: Welles é Kane? De qualquer maneira, é sua maior obra e maior personagem: todos os filmes

posteriores não deixaram de manter contatos com esta primeira experiência cinematográfica. Aliás, critica-se O.W. por não se ter libertado deste personagem fabuloso, egocêntrico, ambíguo, arrogante, múltiplo, impenetrável e fascinante que é Charles Foster Kane.

"O artista não explica a obra", é o que todos dizem, pelo menos quando se referem a realizadores de rotina. Orson Welles não é um homem comum e talvez sua vida seja um fragmento (um complemento?) de sua obra. *A guerra dos mundos* é uma criação privilegiada por definir os meios e fins deste artista: a prestidigitação e a mistificação.

Não há outro intuito nesta famosa emissão do que escandalizar. Mas o escândalo wellesiano é um fenômeno à parte, implica necessariamente um fenômeno social, a magia diante das massas, a mistificação, através do teatro, rádio ou cinema, abrangendo as suas várias vocações de político, toureiro, compositor, decorador, romancista, pintor, criador de *ballets*, sábio, financista, ventríloquo, poeta, desenhista, todo um talento quantitativo, tão próprio da civilização americana.

Orson Welles, personagem de cinema e da vida real, é absolutista, egocêntrico, como o são Charles Foster Kane, Macbeth, Hank Quinlan (o policial corrupto de *A marca da maldade*) e o advogado de *O processo*. Não é de estranhar sua admiração por personalidades como Stalin, Goering, Himmler, Haroun-Al-Rachid; e esta "admiração" é ambígua: envolve a crítica e o desprezo por esta gente.

Na década de 1940, chegou a promover conferências antissegregacionistas e antifascistas, ele, o autor de *A soberba*. Afinal, Welles talvez seja um humanista destinado a viver uma contradição permanente; o homem liberal e racional em luta com o ser monstruoso e absolutista.

E a questão surge à tona, mais uma vez: "este adulto prodígio é um bárbaro ou um homem da Renascença?"

#### **Notas:**

14. Foi Robert Montgomery quem veio a adotar este processo pela primeira vez em *A dama do lago*, realizado em 1946. Mas Welles reclama a ideia para si, sustentando que a tivera desde 1938, não encontrando produtores que a aceitassem.

\*Cidadão Kane, de Rogério Sganzerla, foi publicado originalmente no Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 7 ago. 1965. Suplemento Literário, p. 5. Relançados em 2010, pela editora da UFSC, Edifício Rogério, p.89 a p.100. Publicados agora nesta revista com autorização da Editora.